



GT 71. Questões ético-metodológicas em pesquisas com crianças

Coordenador(es):

Emilene Leite de Sousa (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Flávia Ferreira Pires (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria do Socorro Rayol Amoras (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Este GT visa reunir trabalhos que contribuam na reflexão sobre questões ético-metodológicas na pesquisa com crianças com o intuito de mapear e problematizar os desafios epistemológicos que enfrentamos. Selecionaremos propostas sobre o método etnográfico e os usos das técnicas tradicionais da antropologia como entrevistas, conversas informais e observação em pesquisas de campo com crianças, mas também o uso de técnicas como os desenhos, redações, gravadores, máquinas fotográficas e câmeras; métodos combinados, as crianças como co-investigadoras. Do ponto de vista ético, quais procedimentos éticos temos tomado e como lidamos com a singularidade de pesquisar sujeitos tutelados que não respondem legalmente pelos seus atos, mas que nem por isso deixam de ser entendidos enquanto sujeitos de direitos e pessoas/indivíduos plenos? Assim, através do debate sobre metodologia e ética, central para o conhecimento antropológico, objetivamos avançar o debate no campo da Antropologia, entendendo melhor a importância de pesquisas cuja ênfase esteja nos sentidos e na experiência desses sujeitos, - que ainda são pouco ouvidos pela antropologia mainstream. A importância deste GT é reforçada no atual cenário político, em um contexto de cortes de verbas e recursos para pesquisa. Os impactos serão inevitáveis, o que fortalece a importância de pensarmos nossas metodologias de pesquisa em tempos de crise. Aqui a pesquisa aparece como um ato de resistência e sua divulgação imperativa.

Construindo a metodologia com/para as crianças na comunidade do Serviluz (Fortaleza-CE)

Autoria: Deiziane Pinheiro Aguiar (UFC - Universidade Federal do Ceará)

Objetivo discutir aqui as questões ética-metodológicas na pesquisa com crianças a partir de experiências etnográficas vivenciadas ao longo de seis anos numa favela de Fortaleza?CE/Brasil. Desde 2014, realizo pesquisas sobre as falas e percepções de meninas e meninos sobre violência e conflitos sociais na favela do Serviluz. Tais conflitualidades que emergiam, iam desde conflitos inflamados entre grupos armados e rivais da região, violência simbólica, casos de violência doméstica, até a perda de parentes e vizinhos por morte matada por variadas motivações. Durante esses anos, me utilizei de diferentes métodos e técnicas de pesquisa. A etnografia, a observação participante e as conversas informais com crianças entre 8 e 12 anos de idade formaram o pilar das minhas pesquisas durante três ciclos. Em 2014, durante o primeiro período de pesquisa, etnografei as crianças e suas relações interpessoais através das atividades desenvolvidas em um projeto social missionário. Conversas informais, cuidados e brincadeiras diversas durante atividades do projeto, rodas de conversa e desenhos livres e temáticos se tornaram a base para minha análise de dados posteriormente. Já de 2015 a 2016, eu estava dentro das casas das crianças conversando com elas sobre a perda de entes e vizinhos marcados para morrer. As conversações informais, brincadeiras escolhidas por elas e, às vezes, por mim, desenhos surgindo em meio essas brincadeiras, foram essenciais nesse segundo ciclo. Nesse momento, as crianças se tornando ainda mais importantes na construção metodológica dessa etnografia, afinal, eram elas que ditavam todas as regras para a pesquisadora. No terceiro ciclo, de 2018 até agora, continuo nas casas das famílias da mesma comunidade, mas escutando e conversando sobre as chacinas ocorridas na favela, as memórias, as dores e emoções de perder um parente chacinado. As



brincadeiras, conversações informais e entrevistas em profundidade guiada por roteiro tecem o meu fazer-metodológico com/para as crianças. Compreender as crianças como agentes ativos e potentes na sociedade, escutá-las, brincar com elas, seja na rua, no projeto social, na praia ou nas suas casas sempre foi um grande desafio ético-metodológico. Estabelecer uma relação de confiança com as crianças, mas principalmente, com os adultos sempre constitui aspecto fundamental. Afinal, para que eu pudesse chegar até as crianças em precisaria passar pelo crivo de confiabilidade das pessoas responsáveis por elas. Escutar, entender e compreender quais técnicas metodológicas utilizar nas pesquisas, escutá-las com cuidado diante de assuntos tão delicados e sensíveis e reconhecer meus próprios limites diante da dor e sofrimento dos meus interlocutores foi um aprendizado longo e que ainda se acomoda durante o meu atual work.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: